



FRASEOLOGISMOS NO CONTINUUM RURAL- URBANO: UM ESTUDO COM DADOS GEOLINGUÍSTICOS¹

PHRASEOLOGISMS IN THE RURAL X URBAN CONTINUUM: A STUDY WITH GEOLINGUISTICS DATA

Conceição de Maria de Araujo Ramos²

José de Ribamar Mendes Bezerra³

Nádia Letícia Pereira Silva⁴

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Resumo: Explora-se a fraseologia de linha francesa, no *continuum* rural-urbano, com base no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) focalizando dados do Maranhão, para verificar se referentes considerados como mais característicos do universo rural integram o repertório linguístico-cultural ativo de falantes inseridos na zona urbana. Parte-se do exame da relação entre dois domínios próprios – os atlas linguísticos e a fraseologia –, que propicia explorar a fraseologia como marcador idiomático que identifica fatos linguísticos, neste estudo, lexicais, e revela particularidades fraseológicas regionais e socioétnicas.

Palavras-Chave: Lexicologia; Fraseologismo; Atlas Linguístico do Brasil; *Continuum* rural-urbano; Maranhão.

¹ Este estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla vinculada ao Projeto VALEXTRA (*Variação lexical: teorias, recursos e aplicações*): do condicionamento lexical às constrições pragmáticas, projeto este objeto do convênio CAPES/COFECUB 838/15, celebrado entre a Universidade Federal da Bahia (UFBA), a Universidade Federal do Pará (UFPA), a Universidade Federal do Maranhão (UFMA), a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), a Universidade Estadual de Londrina (UEL) e a Universidade Paris 13.

² conciuufma@gmail.com

³ comendesufma@gmail.com

⁴ nadialeticiaps@gmail.com

Abstract: *The French line phraseology is explored in the rural-urban continuum, based on the corpus of the Project Linguistic Atlas of Brazil (ALiB) focusing on data from Maranhão, to verify if referents considered as more characteristic of the rural universe integrate the active linguistic-cultural repertoire of speakers inserted in the urban zone. It begins with the examination of the relation between two domains of their own - the linguistic atlas and the phraseology -, which allows to explore the phraseology as an idiomatic marker that identifies linguistic facts, in this study, lexical, and reveals regional and socio-ethical.*

Keywords: *Lexicology; Phraseologism; Linguistic Atlas of Brazil; Rural-urban continuum; Maranhão.*

INTRODUÇÃO

Este estudo resulta, por um lado, de um outro trabalho, mais amplo, que tem buscado apresentar reflexões que partem da ideia de que a transição de uma sociedade de base eminentemente agrária, com traços ainda nitidamente patriarcais, em que a vida girava em torno dos engenhos e do senhor rural, para uma de base industrial ocasionou mudanças significativas na realidade econômica e sócio-espacial brasileira, afetando, por conseguinte, os conceitos de *rural* e *urbano* (cf. REIS, 2006) e a língua portuguesa em uso do lado de cá do Atlântico.

Por outro lado, é motivado pelo interesse mais recente de examinar a profícua relação entre dois domínios próprios – os atlas linguísticos e a fraseologia –, que propicia explorar a fraseologia como marcador idiomático que identifica fatos linguísticos, neste estudo, lexicais, e revela particularidades fraseológicas regionais e socioétnicas.

No estudo ora apresentado, explora-se essa relação com base nos dados obtidos por meio da aplicação do Questionário Semântico-Lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (COMITÊ NACIONAL, 2001), áreas semânticas *fenômenos atmosféricos* e *astros e tempo*, considerando as questões que remetem direta ou indiretamente ao mundo rural. O *corpus* constitui-se, portanto, das respostas coletadas pelo ALiB, nos nove municípios maranhenses que integram a rede de pontos linguístico do atlas nacional.

Soma-se às motivações explicitadas a constatação de que o léxico é o domínio da língua que melhor e mais diretamente evidencia a dinâmica social, a realidade extralinguística (PRETI, 1992).

Tendo essas ideias como ponto de partida, neste artigo, pretende-se: (i) apresentar um estudo sobre a presença de fraseologismos no Maranhão, concernentes às áreas semânticas *fenômenos atmosféricos* e *astros e tempo*, recolhidos no *corpus* do ALiB; (ii) discutir a distribuição das unidades fraseológicas no *continuum* rural-urbano, considerando, do ponto de vista

linguístico, os efeitos das recentes configurações econômicas e sócio-espaciais brasileiras na noção de *rural* e *urbano* e na língua em usos nesses espaços; e (iii) examinar o uso de dados geolinguísticos, mais particularmente do *corpus* do Projeto ALiB, na exploração da fraseologia como elemento identificador de fatos linguísticos.

1 A DIMENSÃO RURAL-URBANO NO BRASIL

Uma melhor compreensão da sociedade brasileira atual, e em particular de sua realidade sociolinguística, passa, necessariamente, por uma reflexão acerca do processo de colonização e de urbanização do país, o que propicia, por conseguinte, subsídios para um exame mais acurado das consequências linguísticas da transição de uma sociedade de base eminentemente agrária, rural para uma de base industrial, urbana. Nesse sentido, Diégues Júnior (1960, p. 87), ao discorrer sobre a formação do povo brasileiro, afirma:

[...] Foi pela organização rural que começou o Brasil; antes de possuir cidades possuiu engenhos, fazendas, sítios. A classe que tomou feição aristocrática ou de nobreza situava-se no mundo rural; vinha dos engenhos, das fazendas, dos sítios; e era ela que impunha às sedes administrativas, que vamos chamar urbanas, as normas de vida, a própria administração, a formação dos Conselhos e Câmaras.

Com essa configuração de um espaço rural, que se vai transformando lentamente ao longo de quatro séculos, percebe-se, no Brasil, que:

A silhueta antiga do senhor de engenho perde [...] alguns de seus traços característicos, desprendendo-se mais da terra e da tradição – da rotina – rural. A terra de lavoura deixa então de ser o seu pequeno mundo para se tornar unicamente seu meio de vida, sua fonte de renda e de riqueza. A fazenda resiste com menos energia à influência urbana, e muitos lavradores passam a residir permanentemente nas cidades. Decai rapidamente a indústria caseira e diminuem em muitos lugares as plantações de mantimentos, que garantiam outrora certa autonomia à propriedade rural (HOLANDA, 1995, p. 174).

Esse processo de transição ocasionou mudanças relevantes na realidade econômica e sócio-espacial brasileira, e essa realidade se torna cada vez mais complexa, como assinala Reis (2006). De acordo com o autor, a nova configuração do país é consequência de um grupo de fatores, dentre os quais destacam-se: a inversão da distribuição populacional entre as áreas rurais e urbanas; o consequente esvaziamento da zona rural; o crescimento desordenado de grandes cidades, a formação de centros metropolitanos, a

diversificação econômica no espaço rural. Essa configuração, evidentemente, exige que se repense a relação rural-urbano e seus efeitos sobre a língua em uso no país.

Com relação ao entendimento das categorias *rural* e *urbano*, a interpenetração dos espaços, consequência dos fatores mencionados, põe em xeque a visão tradicional fundada na polarização antagônica que entende a cidade como o espaço da atividade industrial, enquanto o campo é visto como o espaço da agricultura e da pecuária. Nessa perspectiva, torna-se necessário, como defende Reis (2006, p. 3-5), entender esses espaços como “realidades que não existiriam isoladamente”, como espaços que se interpenetram, como um *continuum* rural-urbano, em que “a polarização antagônica é substituída por um gradiente de variações espaciais”, que se materializa, por um lado, com o surgimento de um espaço rural, agora, multifuncional, dada “uma maior diversificação econômica, em meio a novas formas de produção e subsistência”, e, por outro, com o alargamento do urbano em direção ao rural e o aumento do número de pessoas envolvidas com atividades até então consideradas exclusivamente urbanas.

Seguindo essa linha de raciocínio, ilustrada pela imagem de *gradiente de variações espaciais*, Reis (2006, p. 6-7), embora constata a existência, no Brasil, de regiões onde o processo de urbanização das áreas rurais ainda não é pujante, defende a ideia de *continuum rural-urbano* como a formulação teórica mais coerente com a realidade brasileira, tendo em vista que, no geral, “[...] podemos observar no país, a variação das tonalidades de cores, ou seja, o *continuum*.”

Em se tratando da questão linguística, não resta dúvida de que o movimento migratório da área rural para a urbana, a introdução, no campo, do *modus vivendi* urbano, o crescimento das cidades têm provocado “[...] uma alteração profunda no tabuleiro linguístico regional, rapidamente nivelado pela influência avassaladora da norma que [dessas cidades] emana.” (CUNHA, 1977, p. 57), contribuindo assim para as transformações pelas quais passa a língua portuguesa em sua vertente brasileira e que são importantes para sua descrição e história. Em síntese, nesse processo de expansão da urbanização e de exposição à mídia que incrementa a sociedade brasileira atual,

À medida que falantes dos vernáculos rurais entram em contato direto ou indireto com a língua padrão [urbana], escrita ou oral, seu dialeto tende a tornar-se mais difuso. A ocorrência de itens lexicais rurais típicos vai diminuir e algumas regras não padrão de seu repertório, antes quase categóricas, tenderão a tornarem-se regras variáveis. (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 123).

Diante desse quadro, convém não perder de vista que os falantes de uma língua são sujeitos que, como assinala Cardoso (2010), encerram em si a síntese do geográfico com o social.

2 O LÉXICO: REPOSITÓRIO DO SABER SÓCIO-LINGUÍSTICO-CULTURAL DE UMA COMUNIDADE

Como fato humano, as línguas estão, como evidencia Houaiss (1980), indiscutivelmente inscritas no social e no cultural, pois todo indivíduo pertence a um grupo social, a uma coletividade humana que é base e condição primeira de sua existência (BENVENISTE, 1989); compartilha a cultura de seu grupo e usa a língua que com ele constrói, por meio de um processo sociointerativo, dialógico. Estabelecem-se, assim, estreitas relações entre essas três categorias, relações essas que se tornam manifestas na assunção do pressuposto de que a cultura é uma dimensão da sociedade e de sua história e de que a língua, por sua vez,

[...] é a um tempo resultado, parte e condição da cultura. Resultado porque a língua falada por um povo é reflexo da cultura global desse povo; parte, porque [...] a cultura inclui muitas e variadas coisas, tais como utensílios, instituições, costumes, crenças e também, evidentemente, a língua. E finalmente condição por dois motivos: primeiro, porque é principalmente por meio linguístico que adquirimos a nossa própria cultura; segundo [...], porque o material de que se faz a língua é do mesmo tipo do material de que se faz toda a cultura – relações lógicas, oposições, correlações e assim por diante. (LÉVI-STRAUSS, apud CÂMARA JÚNIOR, 1955, p. 188-189).

No interior dessa teia de relações tecida de fios da língua, da cultura e da sociedade, o léxico ocupa um lugar privilegiado por ser o domínio da língua que mais imediatamente reflete a dinâmica social e linguística, dada sua natureza de sistema, que se reporta ao universo referencial. Esse caráter do léxico converte-o no componente da língua mais permeável a múltiplas influências e a possibilidades infinitas de expansão. Em síntese:

[...] é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade. (VILELA, 1994, p. 6).

Como conjunto aberto das unidades lexicais de uma língua, o léxico compreende “unidades muito heterogêneas – desde monossílabos e vocábulos simples até sequências complexas formadas de vários vocábulos e mesmo frases inteiras como é o caso de muitas expressões idiomáticas e provérbios.” (BIDERMAN, 2005, p. 747). É, pois, nesse conjunto de unidades lexicais que se insere nosso objeto de estudo – os fraseologismos, isto é, associações sintagmáticas recorrentes que formam unidades fixas, sequências fixas, e que são o produto, o resultado da fraseologia (MEJRI, 1997 e 2012). A fraseologia, por sua vez, entendida segundo a perspectiva francesa, é

[...] um fenômeno linguístico cuja expressão é principalmente lexical e que abrange vários processos de solidariedade sintagmática, como a fixação. Seu campo de ação é muito mais amplo do que o da fixação que se refere a um processo por meio do qual a língua se dota de unidades sintagmáticas cujos constituintes formam um bloco e cuja sintaxe interna está em desacordo com a do sintagma livre correspondente.” (MEJRI, 1997-2016, apud SFAR, 2016)⁵

Nesse quadro teórico, a fixação, concebida como um processo universal próprio das línguas vivas, constitui-se como um dos traços mais importantes para caracterizar as unidades fixas, podendo manifestar-se, de forma escalar, nessas unidades por meio de restrições tanto no plano sintático como semântico. Então, de acordo com Mejri (2012, p. 143), uma sequência é tida como fixa “[...] se ela admite uma fixidez total ou parcial de regras da combinatória sintagmática, da comutatividade paradigmática e da composicionalidade semântica.”⁶ Desse modo, uma sequência será tanto mais fixa quanto menos possibilidades combinatórias e transformacionais aceitar (GROSS, 1996).

Há, contudo, como assinala Gross (1996), uma condição necessária, primeira para que se possa examinar a questão da fixação: trata-se da polilexicalidade⁷. Esse termo remete à ideia de uma unidade lexical formada de

⁵ Tradução de: “[...] un phénomène linguistique dont l’ expression est principalement lexicale et qui recouvre plusieurs processus de solidarité syntagmatique comme le figement. Son champ d’ action est beaucoup plus étendu que celui du figement qui renvoie à un processus par lequel la langue se dote d’ unités syntagmatiques dont les constituants forment un bloc et dont la syntaxe interne est en rupture avec celle du syntagme libre correspondant.”

⁶ Tradução de: “[...] si elle connaît une fixité totale ou partielle des règles de la combinatoire syntagmatique, de la commutativité paradigmaticque et de la compositionnalité sémantique.”

⁷ Não se desconhece o problema que a noção de *palavra*, herdada da teoria gramatical clássica, levanta quando se pretende analisar sequências polilexicais como *estrela da boca da noite*. Discuti-lo aqui, considerando sua amplitude e complexidade, excederia a proposta deste

várias palavras ou pelo menos de duas, que terá o mesmo funcionamento sintático que tem uma unidade monolexical.

Dessa particularidade, decorre a noção de globalidade semântica, assim concebida: tem-se uma sequência de palavras cuja concatenação tende, segundo seu grau de fixação, à união total ou parcial. Desse modo, o significado global externo da sequência é atribuído em função do conjunto e não do significado individual que cada elemento constituinte da sequência tem em suas combinações livres (SFAR, 2016), como se pode observar, por exemplo, em sequências como (*estrela da*) *boca da noite*, *casamento da raposa* / (*a*)*limpar o tempo*, entre outras, cujos sentidos são fixos na língua como sendo, respectivamente, “estrela vespertina” e “momento em que cessa a chuva e o sol começa a aparecer”.

Como unidades do léxico, as sequências fixas, aqui referidas como unidades fraseológicas, se caracterizam também por terem função nomeadora; por representarem uma possibilidade de ampliação do léxico, satisfazendo, em geral, a necessidade que tem o falante de diferenciar entidades de seu mundo biofísico e sociocultural; de captar nuances de ideias e conceitos que se revestem de expressividade, como o exemplificam as sequências citadas no parágrafo anterior.

É, justamente, esse conjunto de particularidades de unidades fraseológicas somado a sua presença significativa no discurso que leva ao aproveitamento dos dados de atlas linguísticos para o estudo de fraseologismos.

3 FRASEOLOGISMOS NO ALiB: O CONTINUUM RURAL-URBANO

A ideia de pôr em contato dois domínios próprios – a fraseologia e os atlas linguísticos, mais particularmente o ALiB –, defendida por Mejri (2017), é muito profícua, tendo em vista que, nesses domínios, assume-se o léxico como o componente da língua, por excelência, revelador de valores, crenças, particularidades regionais e socioétnicas de uma comunidade.

Ainda como ganhos desse cruzamento, considerando-se as ideias de Mejri (2017), destacam-se os seguintes fatos: (i) o emprego de fraseologismos é mais recorrente na fala do que na escrita, e os atlas recolhem dados de fala; (ii)

estudo. Para um aprofundamento dessa questão, ver os trabalhos de Mejri (1997, 2012, 2018), Gross (1996), Biderman (2005), entre outros.

as interações entre inquiridores e informantes favorecem o surgimento de fraseologismos, seja numa perspectiva geral ou denominativa, principalmente, nos momentos em que o instrumento de coleta dos dados do ALiB se aproxima de uma conversa livre, mais espontânea, como é o caso do Questionário Semântico-Lexical (QSL) e dos Temas para discursos semidirigidos; e (iii) o uso de dados que são recolhidos para os atlas considerando a inserção dos falantes nos espaços geográfico e social propicia a exploração, também no âmbito da fraseologia, da variação nos eixos diatópico e diastrático.

O exame da relação atlas linguístico / fraseologia no *continuum* rural-urbano da região Nordeste fez-se com base nos dados coletados nos nove municípios do Estado do Maranhão que integram a rede de pontos linguísticos do ALiB, a saber: São Luís, Alto Parnaíba, Bacabal, Balsas, Brejo, Imperatriz, São João dos Patos, Tuntum e Turiaçu. Foram inquiridos, *in loco*, 40 informantes naturais da localidade investigada, divididos equitativamente entre os dois sexos e duas faixas etárias (faixa I, 18 a 30 anos, e faixa II, 50 a 65 anos). Apenas na capital, São Luís, foram considerados dois níveis de escolaridade – fundamental incompleto e superior completo – e um total de oito informantes. Nos demais municípios foram apenas quatro informantes por localidade, todos com o ensino fundamental incompleto.

Em virtude da temática deste estudo, trabalhou-se apenas com o QSL⁸, dele selecionando sete perguntas cujos referentes foram considerados como mais característicos do universo rural. As perguntas, como apresentado no Quadro 1, encontram-se distribuídas, irregularmente, por duas áreas semânticas – *fenômenos atmosféricos* e *astros e tempo*.

Quadro 1 – Questões objetos da análise

ÁREA SEMÂNTICA	Nº	QUESTÃO
Fenômenos atmosféricos	13	...uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?
	14	...uma chuva forte e contínua?
	15	Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?
	16	Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?

⁸ O QSL é composto por 202 perguntas, distribuídas entre 14 áreas semânticas: *acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios e vida urbana*.

Astros e tempo	29	De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?
	30	De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?
	33	Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto uma das outras. Como chamam esta banda ou faixa?

Convém destacar que, para efeito deste trabalho, não foram consideradas as variantes representadas por lexias simples ou por grupos nominais constituídos por substantivo simples e sua determinação, mesmo em se tratando de respostas válidas, tendo em vista que o objeto de estudo são as unidades fraseológicas. As questões 13 e 14, que buscam averiguar as variantes para nomear tipos de chuva – muito forte e pesada, mas de pouca duração (questão 13) e forte e contínua (questão 14) –, selecionadas inicialmente para compor este estudo não foram incluídas na análise porque as respostas a elas dadas, como ilustra o Quadro 2, a seguir, apresentam grupos nominais formados por Substantivo + Adjetivo, em que os adjetivos são predicadores dos substantivos que, por sua vez, são seus argumentos; somam-se a essa propriedade mais duas condições: a possibilidade de quantificar o adjetivo (*chuva forte / chuva muito forte*) e de coordenar esse adjetivo com um outro adjetivo (*chuva forte e pesada*), tendo em vista que a relação entre o substantivo e o adjetivo não é de natureza restritiva (GROSS, 1996)⁹. Os argumentos elencados levaram à constatação de que as respostas apresentadas no Quadro 2 formam um conjunto que pode ser considerado como mais descritivo do que propriamente denominativo.

⁹ Para uma discussão mais ampla acerca de grupos nominais *versus* sequência fixa, ver Gross (1996).

Quadro 2 – Grupos nominais catalogados na área semântica *fenômenos atmosféricos*

QUESTÃO	
13	14
Chuva grossa Chuva forte Chuva passageira	Chuva aturada Chuva grossa Chuva aturativa Chuva duradoura Chuva grande Chuva demorada Chuva forte Chuva longa Chuva durável

Diferentemente das questões 13 e 14, as questões 15 e 16 da mesma área semântica – *fenômenos atmosféricos* –, apresentaram em suas respostas o uso de unidades fraseológicas; entretanto, quando comparadas tendo como parâmetro o número de respostas válidas, a questão 15 excede a 16, tanto no espaço rural como no urbano.

O número de respostas não válidas somado ao de não-respostas na questão 16, quer se trate do uso de formas monolexicais, quer de formas polilexicais, é alto, nos dois espaços, e esse vazio pode ser um indicador de que as unidades lexicais usadas para nomear o fenômeno objeto da pergunta não fazem parte do repertório linguístico ativo dos falantes, embora, provavelmente, componham seu repertório passivo.

Quadro 3 – Unidades fraseológicas para as questões 15 e 16 no *continuum* rural-urbano

ESPAÇO	UNIDADES FRASEOLÓGICAS	
	QUESTÃO 15	QUESTÃO 16
RURAL	Chuva de pedra Chuva braba Chuva de gelo Chuva de neve Chuva de granito / chuva de granizo Chuva de pedra de gelo	(A)limpar o tempo Casamento da/de raposa

URBANO	Chuva de granito / chuva de granizo	Limpar a chuva Aliviar (o tempo) Abrir o céu
---------------	-------------------------------------	--

O Quadro 3, uma síntese das respostas com o emprego de unidades fraseológicas relativas às questões 15 e 16 registra um expressivo polimorfismo no espaço rural, no que concerne à questão 15. Nesse espaço, para nomear a *chuva que cai em forma de grãos de gelo* (questão 15), foram registradas cinco unidades fraseológicas, sendo *chuva de pedra* a mais recorrente entre os falantes (12 registros) e documentada em seis das oito localidades do universo rural.

No espaço urbano, representado pela capital, São Luís, registrou-se apenas a unidade fraseológica *chuva de granizo / chuva de granito*, com sete realizações. A coocorrência das formas *granizo / granito* observada nas duas áreas pesquisadas se explica tendo em vista que ambas evocam a ideia de algo pequeno – um grão pequeno, um grãozinho, um granito. Convém ressaltar que essa foi a única unidade fraseológica comum às duas regiões.

Ainda com relação às unidades fraseológicas obtidas por meio da questão 15, merece destaque a unidade *chuva braba*. Nela se evidencia, de forma bastante clara, o papel fundamental que a função denominativa desempenha na criação de unidades lexicais maiores (MEJRI, 1997), que expandem o léxico e buscam expressar nuances, sutilezas percebidas com base em vivências cotidianas e saberes partilhados por uma comunidade. Como elementos linguísticos, essas unidades funcionam como

[...] um processo de ampliação do léxico, servindo assim para a nomeação, qualificação, circunstanciação, ou, por outras palavras, contribuindo para a lexicalização da conceptualização e categorização da nossa experiência cotidiana. As fraseologias têm, como quaisquer unidades lexicais não fraseológicas, caráter de signo e têm por isso uma função nomeadora [...]. Nessa função nomeadora estamos perante uma nomeação secundária, construída a partir de signos “mínimos”. Para esta nomeação secundária, normalmente, existem já nomeações primárias, só que as fraseologias redescobrem novas propriedades que lexicalizam, apontando, nessa redescoberta, sobretudo, para a esfera da expressividade. O que preferencialmente os fraseologismos lexicalizam são, no chamado léxico mental, as emoções, as atitudes, as interpretações subjectivas, os comportamentos, frequentemente com pendor negativo. (VILELA, 2002, p. 171-172)

Nessa perspectiva, o bloco formado por meio da combinação do substantivo *chuva* com o adjetivo *braba*, perfeitamente concatenados revela o mundo que o falante pinta com a linguagem, dá a conhecer a mensagem imagética que com a língua ele constrói.

Com relação à questão 16, constata-se, com base no Quadro 3, uma tendência a uma distribuição balanceada de unidades fraseológicas nos espaços rural e urbano. Entre esses dois espaços, foram registradas quatro unidades fraseológicas, assim distribuídas: uma comum às duas regiões – (a) *limpar o tempo/a chuva* –, uma outra documentada só na zona rural – *casamento da/de raposa* – e mais duas com ocorrência apenas em São Luís – *aliviar (o tempo)* e *abrir o céu*. No exame dessas unidades, três pontos merecem destaque: (i) a ocorrência de prótese em *limpar* > *alimpar*; (ii) o predomínio da estrutura Verbo (suporte) + Determinante + Substantivo na composição das unidades; e (iii) o uso da unidade fraseológica *casamento de/da raposa* para denominar “o momento em que a chuva termina e o sol começa a aparecer”; uso esse, provavelmente resultante de uma extensão semântica, tendo em vista que a pergunta foca a presença quase concomitante da chuva e do sol, e que o fenômeno *chuva com sol ao mesmo tempo*, em variedades não-padrão do português brasileiro, é conhecido como casamento de raposa, ou de espanhol, ou de gambá, ou de viúva (MICHAELIS, 1998).

O Quadro 4, a seguir, apresenta as duas primeiras questões da área semântica *astros e tempo* selecionadas para análise. As entidades do mundo biofísico e sociocultural foco das questões – *estrela d'alva* (questão 29) e *estrela da tarde* (questão 30) – são tidas, comumente, como referência para agricultores, pescadores, pessoas do povo, em geral, por aparecerem em determinados momentos do dia, tendo, portanto, a função de orientar sobre a passagem do tempo. Seguindo essa ideia, esperava-se recolher, fora da capital, um número significativo de unidades fraseológicas variantes da forma padrão, *Vênus*, usada para nomear os referentes alvo das duas questões. Entretanto, essa hipótese inicial não se confirmou em termos da diversidade de formas, quer seja em relação à questão 29 (com o registro em cada espaço de apenas duas formas, sendo uma delas – *estrela d'alva* – comum aos dois universos), quer seja no que diz respeito à questão 30, que contou também só como duas unidades fraseológicas diferentes recolhidas apenas na zona rural, como demonstra o Quadro 4.

Quadro 4 – Unidades fraseológicas para as questões 29 e 30 no *continuum* rural-urbano

ESPAÇO	UNIDADES FRASEOLÓGICAS	
	QUESTÃO 29	QUESTÃO 30
RURAL	Estrela d'alva Estrela do moedor	Estrela da boca da noite Estrela d'alva
URBANO	Estrela d'alva Papa-ceia	

Em contrapartida, quando o uso das denominações é o parâmetro adotado no confronto dos espaços, tornam-se evidentes os efeitos do processo de urbanização do país no tabuleiro linguístico-cultural brasileiro: as experiências cotidianas e o conhecimento do referente têm um papel fundamental na manutenção da forma padrão ou de formas relacionadas mais diretamente com o universo rural. Assim se justifica, em São Luís, o alto índice (50%) de não-respostas para a questão 29, haja vista que apenas os falantes da faixa etária II responderam à questão, e a ausência total de resposta para a questão 30.

Explica-se ainda, com o alargamento do urbano em direção ao rural, com os processos migratórios e com a exposição à mídia, o baixo índice de respostas para a questão 30, no universo tido como rural.

Postas essas questões que levam a repensar-se a polarização antagônica rural *versus* urbano em prol da ideia de um *continuum* rural-urbano, vale destacar que a unidade fraseológica mais produtiva nesse *continuum*, em se tratando das questões 29 e 30, é *estrela d'alva*, dicionarizada como uma variante popular da forma padrão *Vênus*. Além dessa unidade fraseológica, foram registradas para o referente da questão 29, as unidades *estrela do moedor* e *papa-ceia*, ambas entre os falantes da faixa etária II, com escolaridade de nível fundamental, e com apenas uma ocorrência cada.

Para a questão 30 que, como visto, foi pouco produtiva em termos de obtenção de respostas, registrou-se, ainda a unidade fraseológica *estrela da boca da noite*, com apenas uma ocorrência e em uma única localidade da rede de pontos linguísticos do Maranhão para o ALiB, o município de Alto Parnaíba¹⁰,

¹⁰ O município encontra-se bastante distante tanto de São Luís (1.330km) como de Imperatriz (aproximadamente 623 km) e de Teresina, capital do Piauí (aproximadamente 900 km),

que tem demonstrado maior riqueza lexical no que concerne à diversidade de formas denominativas.

A última questão objeto deste estudo, a de número 33, que averigua as denominações para *via láctea*, apresentou um alto índice de não-respostas, destacando-se, neste caso, principalmente São João dos Patos e São Luís. Foram catalogadas três unidades fraseológicas diferentes: (i) *caminho de Santiago*, com seis ocorrências, sendo todas nos municípios do continente¹¹, com Alto Parnaíba como *locus* da metade desse total; (ii) *sete-estrelas*¹², com três registros, que se distribuem de forma irregular pela porção centro-sul do Estado; e (iii) *via láctea*, com uma única realização documentada na capital, na fala de um informante da faixa etária II, com nível universitário. O Quadro 5 apresenta esses fraseologismos.

Quadro 5 – Unidades fraseológicas para a questão 33 no *continuum* rural-urbano

ESPAÇO	UNIDADES FRASEOLÓGICAS
	QUESTÃO 33
RURAL	Caminho de Santiago Sete - Estrelas
URBANO	Via Láctea

Concentradas majoritariamente na fala dos idosos, essas denominações sinalizam o desconhecimento ou, melhor dito, o esquecimento do referente pelos mais jovens, o que possibilita inferir que a forma em questão não pertence ao repertório linguístico ativo dos falantes mais jovens, embora pertença a seu repertório passivo. O uso de formas como *constelação* para denominar o referente da questão 33 reforça esta constatação.

Da análise até aqui desenvolvida, depreende-se que a correlação entre o eixo diastrático, mais particularmente a idade, e o eixo diatópico dá testemunho

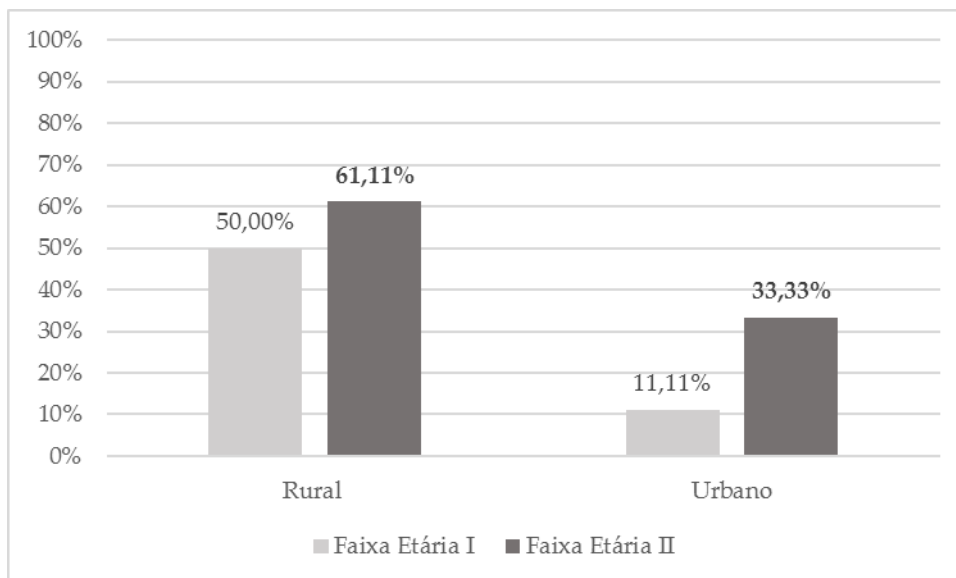
centros regionais mais importantes. Segundo dados do IBGE, censo 2010, Alto Parnaíba conta com uma população rural de 3.735 habitantes contra 7.028 habitantes na zona urbana.

¹¹ Com exceção da capital do Estado, São Luís, que se localiza na Ilha de São Luís, os outros oito municípios pesquisados se situam no continente, portanto, no interior do Estado.

¹² Este é mais um caso de extensão semântica, possivelmente motivado por ser a unidade fraseológica *sete-estrela* a forma popular para plêiades, uma aglomeração, um grupo de sete estrelas na constelação de touro (*cf.* Ferreira, 1999; Michaelis, 1998). Convém destacar que o dicionário registra *estrela* e não *estrela*, como recolhido nos dados.

da realidade sócio-espacial e linguístico-cultural característica do Brasil atual. O Gráfico 1, a seguir, ilustra essa ideia.

Gráfico 1 – Percentual das respostas válidas considerando a faixa etária e a distribuição zona rural e urbana



A segunda etapa da análise tem como foco o exame das estruturas das unidades fraseológicas. Convém destacar que, entre os 40 maranhenses informantes do ALiB, cujos dados de fala foram selecionados para este estudo, foram contabilizadas 18 unidades fraseológicas, que exibem uma diversidade em relação a sua estrutura e, conseqüentemente, à classe de elementos que as compõem. A seguir apresenta-se um extrato da tipologia estrutural dessas unidades. Para cada tipo de estrutura, apresenta-se um exemplo extraído do *corpus*.

A – Substantivo + Preposição + Substantivo – Ex: *Chuva de granizo*

B – Substantivo + Adjetivo – Ex: *Chuva braba*

C – Substantivo + Preposição + Substantivo+ Preposição + Substantivo – Ex: *Estrela da boca da noite*

D – Substantivo + Preposição + Adjetivo – Ex: *Estrela d'alva*

E – Numeral + Substantivo – Ex: *Sete-estrelas*

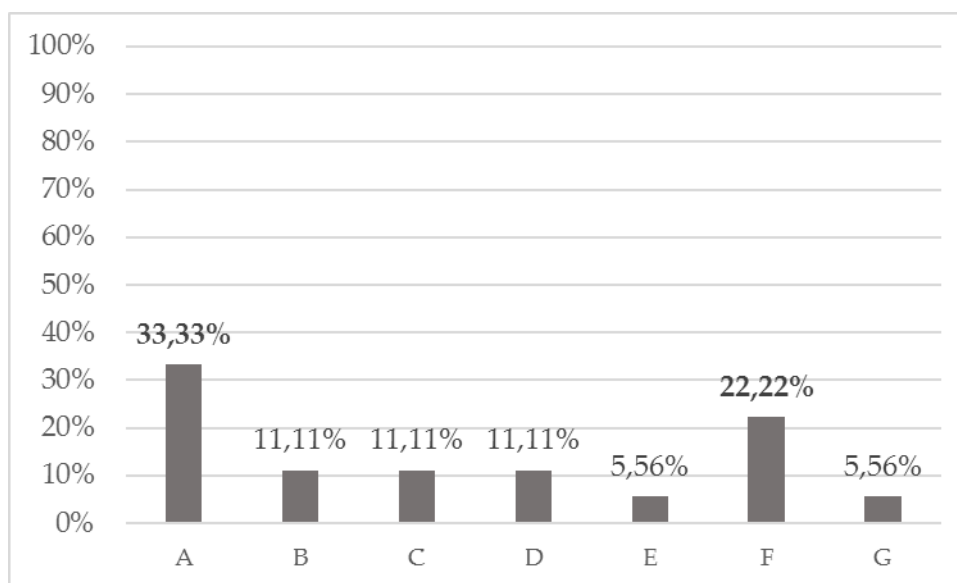
F – Verbo (suporte) + Determinante + Substantivo – Ex: *(A)limpar o tempo*

G – Verbo (suporte) + Substantivo¹³ – Ex: *papa-ceia*

¹³ Não se desconhece que *pap-* é elemento de composição antepositivo que, segundo Machado (2003, v. 4, p.296), é “[...] muito vulgar, que traduz a ideia de ‘o que come, o que devora’ o que o elemento seguinte indica”. Entretanto, decidiu-se incluí-lo no grupo dos verbos

O Gráfico 2 evidencia que, nesse conjunto tipológico, duas estruturas – *Substantivo + Preposição + Substantivo* e *Verbo (suporte) + Determinante + Substantivo* – ganham mais relevo por serem mais recorrentes. Essas estruturas, como se pode verificar, são iniciadas, respectivamente, pelas duas maiores classes de palavras abertas das línguas: os substantivos e os verbos.

Gráfico 2 – Percentual das estruturas das unidades fraseológicas segundo a tipologia



Ao concluir esta análise, não se pode deixar de trazer à tona um ponto fundamental subjacente à proposta deste estudo, a necessária e salutar interseção Dialeto-Geolinguística/Lexicografia, que se sustenta, por um lado, na ideia de Cunha (1977), para quem um atlas linguístico é

[...] um grande vocabulário dialetal que visa a apresentar, de maneira científica e viva, sobre cada mapa, as diferentes variantes de uma palavra ou de uma pequena frase em território mais ou menos vasto. Como as palavras e frases objetos da pesquisa são escolhidas previamente, depois de acurado estudo das formas culturais de uma comunidade, de que a língua é a expressão, o inventário, embora incompleto, torna possível ampla visão dos traços essenciais do léxico: sua repartição geográfica, sua vitalidade, história dos termos, viagens de palavras, evolução de formas gramaticais, diferenças de pronúncia, relações dos dialetos e falares com a língua culta. E, como a palavra está estreitamente ligada à coisa que designa, o Atlas permite também o aferimento da vivência de formas e complexos culturais. (CUNHA, 1977, p. 57)

considerando o que registram Houaiss e Villar (2001, p. 2120) que o reconhecem também como elemento de composição antepositivo, de formação vernacular (do verbo *papar*), com acepção de ‘comer, devorar’.

Por outro lado, essa interseção encontra eco na proposta defendida por Mejri ao longo de seus vários trabalhos e sintetizada em Mejri (2018). Neste estudo, o autor mostra que um conhecimento mais consistente acerca do funcionamento das línguas depende de um melhor conhecimento do fato fraseológico, e que o tratamento lexicográfico ainda é tributário da monolexicalidade, deixando, portanto, em um segundo plano os fraseologismos. Ainda segundo Mejri, é preciso elaborar dicionários que integrem os fraseologismos em sua nomenclatura com *status* de unidade da terceira articulação¹⁴.

Então, se um atlas linguístico é um grande vocabulário que não prescinde de dados da língua oral e se é, justamente, na fala mais do que na escrita que os fraseologismos são usados, é necessário explorar, de fato, os atlas linguísticos em uma perspectiva lexicográfica para produção de dicionários que contemplem também as unidades polilexicais da língua, como expressão da variação linguística nos eixos diatópico e diastrático, o que muito contribuirá para o enriquecimento do patrimônio imaterial em que se constitui a língua.

O Quadro 6, elaborado com base nos quatro dicionários gerais da língua portuguesa editados no Brasil – Houaiss e Villar (2001), Ferreira (1999), Michaelis (1998) e Aulete (2011) –, representa um reflexo dessa necessidade na lexicografia brasileira. Como se pode observar, do universo das 18 unidades fraseológicas recolhidas apenas sete estão dicionarizadas, sendo uma delas com outro significado.

Quadro 6 – Dicionarização dos fraseologismos

Unidades Fraseológicas	Dicionários			
	Houaiss e Villar	Ferreira	Michaelis	Aulete
Abrir o céu	ND	ND	ND	ND
Aliviar (o tempo)	ND	ND	ND	ND
Caminho de Santiago	D	D	D	D
Casamento da/de raposa	ND	ND	OS	ND
Chuva braba	ND	ND	ND	ND
Chuva de gelo	ND	ND	ND	ND
Chuva de granizo/granito	ND	ND	ND	D
Chuva de neve	ND	ND	ND	ND

¹⁴ Para uma discussão mais ampla sobre essa questão ver Mejri (2018).

Chuva de pedra	D	D	D	D
Chuva de pedra de gelo	ND	ND	ND	ND
Estrela d'alva	D	D	D	D
(Estrela da) boca da noite	ND	D	D	D
Estrela do moedor	ND	ND	ND	ND
Limpar (a chuva)	ND	ND	ND	ND
Limpar (o tempo)	ND	ND	ND	ND
Papa-ceia	D	D	D	D
Sete-estrela	ND	ND	ND	ND
Via Láctea	D	D	D	D

Legenda:

D – dicionarizada com a mesma acepção apresentado no QSL

OS – dicionarizada com outro significado

ND – não dicionarizada.

Diante desse parco registro das unidades fraseológicas nos dicionários citados, decidiu-se consultar duas obras que têm como foco a recolha de fraseologismos: *Tesouro da fraseologia brasileira* (Nascentes, 1966) e *Dicionário de expressões populares da língua portuguesa* (Silveira, 2010). Mesmo nessas obras, o registro das unidades fraseológicas pesquisadas não se mostrou significativo. Em Nascentes (1966) foram encontrados quatro fraseologismos – *chuva de pedra*, *caminho de Santiago*, *boca da noite*, todos com o mesmo significado, e *casamento de raposa* com outra acepção. Silveira (2010), por sua vez, só documenta *limpar o tempo*.

Essa realidade aponta que ainda há muito do léxico do português brasileiro que não se encontra registrado nas grandes obras de referência e que essa falta de abrigo tem consequências diretas no processo de difusão e aprendizagem da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exame do uso de dados geolinguísticos, mais particularmente do *corpus* do Projeto ALiB, na exploração da fraseologia, considerando o *continuum* rural-urbano demonstrou que:

- (i) mesmo com o transbordamento do urbano para o rural, ainda se observa um maior polimorfismo no espaço rural;
- (ii) é importante e necessário que se faça um extenso estudo das unidades fraseológicas do português brasileiro, para que haja uma melhor descrição e um melhor registro nos dicionários;

-
- (iii) a riqueza de informações linguístico-culturais que oferece um atlas linguístico é expressiva e isso se torna mais evidente quando se compara o espaço que têm os fraseologismos e os regionalismos nos dicionários gerais e o material que os atlas recolhem, no uso real da língua;
 - (iv) a faixa etária II, ou seja, a dos mais idosos respondeu pelo uso de uma parcela significativa das unidades fraseológicas analisadas, enquanto os mais jovens, principalmente, aqueles que vivem na capital, demonstraram um desconhecimento ou esquecimento dos referentes que se crê mais direta ou indiretamente pertencentes ao universo rural;
 - (v) a falta de familiaridade com a área semântica em que se insere o referente investigado leva alguns informantes a lançar mão da estratégia de substituição de uma forma que lhe escapa por outra que a ela se associa.

Finalmente, ressalta-se que as unidades fraseológicas, dada a sua natureza linguística, estão indiscutivelmente, inscritas no social e no cultural, e são reveladoras das experiências cotidianas e dos valores da comunidade, *caindo como uma luva* no processo de criatividade dos falantes, como se pode observar na construção de sequências como *(a) limpar o tempo, papa-ceia e boca da noite*.

REFERÊNCIAS

- AULETE, Caldas. *Novíssimo dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. Campinas: Pontes, 1989. v. 2.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, Graça Maria; FIGUEIREDO, Olívia Maria; SILVA, Fátima. (Orgs.) *Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, v.2, p. 747-757.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. A conferência de Indiana entre antropólogos e linguistas. *Revista Brasileira de Filologia*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 187-195, dez. 1955.
- CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

-
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: questionários*. Londrina: Editora UEL, 2001.
- CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 7. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais do Ministério da Educação e Cultura, 1960. (Sociedade e Educação, v. 2).
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GROSS, Gaston. *Les expressions figées en français: noms composés et autres locutions*. Paris: Editions Ophrys, 1996.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOUAISS, Antônio. Sócio- e etnolinguística. In: *II Congresso Nacional de Sócio e Etnolinguística, CONSEL*, 1980, Niterói. mimeo.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 8. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2003, v. 4.
- MEJRI, Salah. *Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique*. Tunis: Publications de la Faculté des Lettres de la Manouba, 1997.
- MEJRI, Salah. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTÍZ ALVAREZ, Maria Luisa. (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas: Pontes Editores, 2012, v. 1, p. 139-156.
- MEJRI, Salah. *Phraséologie et atlas linguistique*. Conferência proferida durante o VII Seminário Regional de Geossociolinguística – SERGEL. Universidade Federal do Pará, Belém, 23 nov. 2017.
- MEJRI, Salah. La phraséologie française: synthèse, acquis théoriques et descriptifs. *Le Français Moderne*, Paris, n. 1, p. 5-32, 2018.
- MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos. 1998.
- NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Barros, 1966.
- PRETI, Dino. Transformações sociais e seu reflexo no léxico da linguagem urbana brasileira contemporânea. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 93-99, 2. sem. 1992.
- REIS, Douglas Sathler dos. O rural e urbano no Brasil. In: *XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP*, 2006, Caxambu. Disponível em: [www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_777.pdf] Acesso em: 29/11/2013.

SILVEIRA, João Gomes da. *Dicionário de expressões populares da língua portuguesa*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SFAR, Inès. *Cours de linguistique: la phraséologie*. Curso ministrado na Universidade Federal da Bahia, Salvador, 5 a 9 dez. 2016.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

VILELA, Mário. *Metáforas do nosso tempo*. Coimbra: Almedina, 2002.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 07 de agosto de 2018.

Aprovado em sistema duplo cego em: 16 de setembro de 2018.